

O drama do vício em jogos

LUIZ CARLOS DUARTE

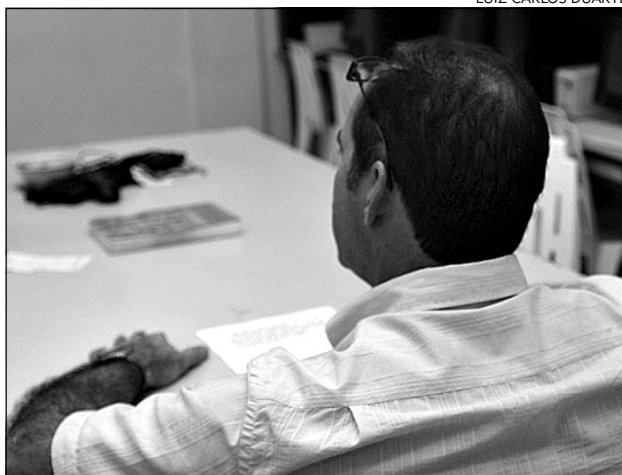
• **Ex-jogador compulsivo conta o problema vivido e como retomou as rédeas da própria vida**

Para muitos brasileiros, a expressão “fazer uma fezinha” é bastante corriqueira e representa algo inofensivo. O que muita gente esquece é como os jogos de azar podem causar danos profundos à vida de quem se torna compulsivo.

Preocupados com o problema, dois ex-viciados nessa prática resolveram se unir para ajudar quem tem interesse em deixar o mundo dos jogos. Um dos responsáveis pela iniciativa é professor e tem 46 anos de idade. Três anos após ter largado o vício, ele conta ao JF HOJE como retomou o controle de sua vida.

JOGO DO BICHO

A compulsão pelo jogo de bicho acompanhou o professor por cerca de 20 anos. Como lembra, números e palpites estavam em sua



• O professor largou o vício em jogos de azar há três anos

mente o tempo todo. Mesmo que não fosse possível ir até ao local das apostas, ele as fazia por telefone.

O hábito chegou cedo à vida do professor, quando ainda tinha 15 anos de idade. Aos 35, percebeu a gravidade do problema e a necessidade de tratamento. Ele lembra qual era sua situação naquela época:

— Não tinha dinheiro para nada e nem de onde tirar — relata o ex-jogador, que já chegou a gastar o salário de um mês inteiro por conta do hábito e fazer empréstimos em banco.

Nesse caso, não houve situações extremas, como passar fome devido à falta

de dinheiro. Isso se deve, em sua percepção, ao fato de ter encontrado apoio na família durante as crises financeiras. No entanto, afirma que seus familiares nunca perceberam o problema.

MENTIRA

— Nunca ninguém notou. Até porque o viciado mente para que não descubram — explica o ex-jogador. Ele recorda que, ao relatar para seus familiares o problema, todos ficaram surpresos.

O professor acredita que só conseguiu abandonar a compulsão quando começou a frequentar o grupo Jogadores Anônimos. As

reuniões o fez perceber que não estava sozinho e tinha apoio de outras pessoas. A filosofia de vencer um dia por vez, em sua opinião, é fundamental para reverter situações como essa.

Ele conta que os relatos de algumas pessoas que sofrem desse mal são surpreendentes e mostram tratar-se de um vício como qualquer outro.

— Há pessoas que chegam a roubar para manter a prática.

propícios para o vício.

Ao relembrar o passado, o professor se considera vitorioso. Emocionado, cita vários benefícios que conseguiu depois de “vencer o jogo”:

— Não sou tão nervoso como era. Voltei a estudar e fiz especialização — orgulha-se.

Hoje, garante que nada sente ao passar na frente de uma casa de jogos, que não seja pena de quem não consegue abandonar a prática.

OUTRO VÍCIO

Outro ponto mencionado é como um vício leva a outro. Percebe, por exemplo, que muitas pessoas associam o jogo à bebida alcoólica. Essa constatação, segundo ele, explica porque todas as casas de jogos servem produtos do gênero.

O perfil dos jogadores, conforme o professor, é bastante variado. Assim como os tipos de jogos e os ambientes

ONDE OBTER AJUDA

Em Juiz de Fora, há duas opções para quem deseja a ajuda dos Jogadores Anônimos. Na Fundação Espírita Allan Kardec o encontro é aos sábados, às 18h30min, e o telefone de contato é 3236-1122. Na igreja da Glória, a reunião acontece às sextas-feiras, às 19h, e o contato pode ser feito pelo número 9925-2997.

Jogo que não envolve dinheiro é saudável

A psicóloga Vera Helena Barbosa Lima acredita que o jogo é uma atividade saudável até o momento em que não envolve dinheiro. Caso contrário, os jogadores entram em uma zona de risco, que pode levá-los à compulsão.

— Ganhar faz bem para quem joga. Se perder, vai esperar a próxima rodada para tentar reverter a situação — explica.

Para ilustrar esse quadro, ela conta que o viciado tem

hora para chegar no local das apostas, mas nunca para sair.

Quando a situação se torna crítica, Vera aponta a mentira como uma das primeiras consequências na vida do viciado. Como diz, o jogador se engana e passa a enganar os outros, pois sabe que seu hábito não será aprovado.

Na visão da profissional, são muitos os motivos que levam as pessoas ao jogo. Carência, falta de dinheiro e falta de lazer estão entre os tópicos

citados. Além disso, há o grupo daqueles que são atraídos ao ver os adultos praticando essas atividades.

A grande dificuldade, de acordo com a psicóloga, é o jogador perceber que sofre de uma doença. Quando percebida, ela orienta a vítima a buscar apoio profissional.

— A princípio, a análise é uma alternativa. Mas há casos em que o paciente sofre depressão e pode precisar de medicamentos.

Principais sintomas dos jogadores compulsivos:

- ☞ são mais introvertidos
- ☞ mentem com frequência
- ☞ costumam ser sedutores para disfarçar o hábito
- ☞ possuem temperamento mais depressivo
- ☞ podem apresentar outras compulsões

Principais danos causados à vida dos jogadores:

- ☞ problemas financeiros
- ☞ sofrem descrédito perante amigos e familiares
- ☞ podem apresentar desvio de caráter
- ☞ caso sintam culpa, sofrem desgaste mental
- ☞ ansiedade



Fonte: psicóloga Vera Helena Barbosa Lima